

O PROGRAMA EXPOSITIVO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: AS EXPOSIÇÕES DIPLOMÁTICAS - IDENTIDADE E ESPECIFICIDADES NO CONTEXTO HISTÓRICO PORTUGUÊS ATÉ À REVOLUÇÃO DE ABRIL

Isabel Falcão

IHA/NOVA FCSH

ifalcao6@gmail.com

RESUMO

A Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), com um programa de exposições temporárias iniciado em 1957, apresenta-se na história das exposições de arte em Portugal como uma instituição de referência pelos projectos desenvolvidos e pelos critérios científicos que regularam, desde o início, a sua programação. De entre estas iniciativas destacam-se, no presente estudo, as *exposições diplomáticas* organizadas pelos serviços especializados da Fundação num intercâmbio institucional com organismos estatais de países estrangeiros e numa acção que se projecta como um programa de carácter oficial que complementa a incipiente política cultural do país, de 1960 ao dealbar da revolução de 1974.

Pretende-se, igualmente, a identificação da importância desta programação para a identidade institucional da Fundação Calouste Gulbenkian na missão de apoio e divulgação da arte com vista à construção de uma memória identitária, difundida por estas manifestações expositivas, tanto as de carácter artístico como as de âmbito documental ou etnográfico.

Palavras-chave: Fundação Calouste Gulbenkian; Exposições; Exposições diplomáticas; Portugal.

ABSTRACT

The Calouste Gulbenkian Foundation, with a program of temporary exhibitions started in 1957, presents itself in the history of art exhibitions in Portugal as a referential institution for the projects developed and the scientific criteria that guided its cultural programming. These initiatives include the diplomatic exhibitions, organized by its specialized departments in an institutional exchange with institutions of foreign countries, designed as an official program that complements the weak Portuguese cultural policy, from 1960 to the Carnation Revolution, in 1974.

It is also intended to identify the importance of this program for the institutional identity of the Calouste Gulbenkian Foundation in the mission of supporting and disseminating art in order to build an identity memory, disseminated by these exhibitions either artistic, documentary or ethnographic scope.

Keywords: *Calouste Gulbenkian Foundation; Exhibitions; Diplomatic Exhibition; Portugal.*

A presente comunicação foi pensada no âmbito do projecto de investigação intitulado *História das Exposições de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian – Catálogo Digital* resultante de uma parceria estratégica entre o Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a Fundação Calouste Gulbenkian, projecto que realiza o estudo, inventariação e divulgação da memória expositiva da Fundação Calouste Gulbenkian – maioritariamente de artes plásticas e visuais -, uma instituição com uma acção de extrema relevância no panorama artístico português e detentora de fontes arquivísticas essenciais para a sua documentação e estudo.

Procura-se desenvolver um trabalho de interpretação e contextualização desse material documental, valorizado enquanto fonte para a produção de novo conhecimento e de novos modos de perspectivar a história da arte portuguesa, inserindo-se o fenómeno expositivo no seu contexto cultural, artístico ou político numa valorização da exposição enquanto objecto de estudo para historiadores da arte, críticos ou museólogos. Um trabalho realizado em estreita colaboração com a Biblioteca de Arte e Arquivos Gulbenkian e com o Museu Calouste Gulbenkian, contando igualmente com a colaboração de outras instituições como a Cinemateca Portuguesa, a RTP, a Biblioteca Nacional de Portugal, a Hemeroteca Municipal/Câmara Municipal de Lisboa e o Instituto de Letras e Ciências Humanas/Universidade do Minho.

A conclusão do projecto está prevista para o final do ano de 2019 com a disponibilização online do trabalho de investigação realizado e o acesso à documentação, em formato digital, da informação textual e do material fotográfico, gráfico e audiovisual relacionado com o estudo de cada uma das exposições, apresentado num texto desenvolvido pela equipa de investigadores integrados.

De facto, a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), com um programa de exposições temporárias iniciado em 1957 – ainda antes de 1969, data da inauguração do edifício-sede e respectivo museu –, apresenta-se na história das exposições de arte em Portugal como uma instituição de referência tanto pelos projectos realizados como pelos parâmetros científicos que nortearam, desde o início, a sua programação expositiva, desenvolvida por mais de 60 anos. No *1º Relatório do Presidente*, datado de 1960 e referente à actividade da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1955 e 1959, identifica-se como postulado das fundações «reservar os seus meios de acção para tornar possível a realização de importantes empreendimentos que sem a sua iniciativa ou sem a sua ajuda seriam impraticáveis» (Perdigão, 1961), um propósito de relevância para o tema em

estudo e que enquadra igualmente a política expositiva da instituição, praticada, sem dúvida, desde os seus primeiros anos de actividade¹.

Neste contexto, articula-se na presente comunicação o percurso expositivo da Fundação Calouste Gulbenkian com o tema central do presente painel, intitulado “Museus, poder e diplomacia”, centrando a reflexão nos primeiros 13 anos de actividade da Fundação Calouste Gulbenkian, de 1957 a 1974 – estabelecendo como estrema temporal a revolução de Abril de 1974 – e nas exposições organizadas com o propósito de trazer a Portugal mostras de arte que se evidenciassem ou pela sua importância e pertinência histórica/artística ou pela diferenciação das suas temáticas e programa expositivo, ambas, resultantes do intercâmbio institucional entre a Administração da Fundação Gulbenkian e as representações diplomáticas acreditadas em Portugal ou outras instituições estrangeiras, de índole cultural.

Esta prática expositiva, a de proporcionar a realização em Portugal de mostras de arte internacional desconhecidas do público português, é referido como um dos objectivos enumerados no referido *Relatório do Presidente*, de 1960, nas palavras:

As exposições são, sem dúvida alguma, um dos meios mais eficazes de assegurar o colóquio do público com as obras de arte e, por consequência, de concorrer para a cultura estética do mesmo [e] é nossa intenção promover, patrocinar ou só subsidiar todas as manifestações desta natureza sempre que elas possam constituir um instrumento de desenvolvimento do gosto do público por tudo o que representa a criação artística, incluindo a arte popular e a arte indígena (...) [de modo a] fomentar o progresso da arte em Portugal [e] promover a elevação do nível cultural do povo (Perdigão, 1961).

Por outro lado, esta missão institucional é igualmente reforçada pela criação das duas delegações da Fundação Calouste Gulbenkian no estrangeiro. A do Reino Unido, o *UK Branch*, sediada em Londres, criada em 1956-57, coordenada pelo advogado Charles Whishaw e dirigida por Allen Sanderson, substituído em 1961, ano da sua morte, por James Thornton. E a delegação de França, o *Centre Culturel Portugais* – como será denominado pouco tempo depois –, sediada em Paris, criado oficialmente em 1965 numa cerimónia que contou mesmo com a presença de um representante do estado francês, o *Ministre des Affaires culturelles* André Malraux, num projeto já em

¹ A actividade expositiva da Fundação Calouste Gulbenkian era assegurada, na sua maioria, pelas suas unidades orgânicas então denominadas como: Serviço de Belas-Artes, Serviço de Museu (ambos criados em 1960 após a cisão do anterior Serviço de Museu e Belas-Artes), Serviço de Projectos e Obras (criado em 1956 e em funcionamento até 1992) e Serviço de Exposições e Museografia (criado em 1969 e também em funcionamento até 1992).

desenvolvimento desde 1960, coordenado por António Coimbra Martins (1927) e que teve como primeiro director o professor Joaquim Veríssimo Serrão (1925), a partir de 1967, até ao ano de 1972 em que foi substituído por José Vitorino de Pina Martins (1920-2010).

Neste âmbito, são ainda de extrema importância dois eixos programáticos, relevantes na actuação da Fundação Calouste Gulbenkian em contexto internacional, a saber: por um lado, as parcerias com instituições estrangeiras de referência como o *British Council* (sediado em Londres, criado em 1934 e legalmente constituído por decreto real em 1940) e a *Association Française d'Action Artistique* (sediada em Paris, criada em 1918 mas com esta designação a partir de 1934), ambos organismos de utilidade pública de âmbito cultural e nas quais a divulgação da arte é uma das suas linhas estratégicas de acção e, por outro lado, as parcerias com as embaixadas de países estrangeiros, sediadas em Portugal, interessadas em promover o intercâmbio diplomático e também a divulgação da arte e cultura do seu país. Entre estes organismos oficiais inclui-se também o *Istituto Italiano di Cultura. Lisbona*, instituído em Lisboa em 1936, com o qual a Fundação Calouste Gulbenkian estabelece, nestas décadas, importantes relações institucionais, de parceria cultural.

Registe-se que no período em estudo, a Fundação Calouste Gulbenkian organizou um total de 122 exposições e, de entre estas, identifica-se um conjunto de 58 mostras que se enquadram no propósito atrás enunciado.

Logo, neste amplo universo expositivo identificam-se como exposições diplomáticas, agrupadas de acordo com a temática desenvolvida e, não menos importante, realizadas com o parceiro institucional com o qual a Fundação Calouste Gulbenkian promove a parceria na organização do evento expositivo.

Um primeiro núcleo inclui as mostras resultantes de projectos desenvolvidos com o *British Council* (importante parceria, iniciada em 1959, que garantirá igualmente a constituição do núcleo de arte britânica reunida na actual Coleção Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian) e que apresenta maioritariamente mostras de arte contemporânea.

Em 1962, a exposição intitulada *Arte Britânica no século XX*, inaugurada em Lisboa na Sociedade Nacional de Belas Artes e com itinerância pelas cidades de Coimbra, no edifício da Associação Académica de Coimbra, e no Porto, no Museu Nacional de Soares dos Reis (**Fig. 1**); em 1971, a exposição *100 Obras de Arte Britânica Contemporânea da Fundação Calouste Gulbenkian*, já organizada no edifício sede da FCG e a primeira mostra do núcleo de arte britânica da colecção realizada em Lisboa; em 1973, a exposição *Gravuras Inglesas Contemporâneas 1960-1970* ou, ainda no mesmo

ano, a exposição retrospectiva do fotógrafo *Bill Brandt*, realizada em Lisboa, Tomar, Porto, Braga e Coimbra e em que Lisboa foi a cidade escolhida para o início da itinerância internacional da exposição.



Fig. 1 *Arte Britânica no século XX. Exposição de Pintura e Escultura [espaço expositivo].* Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1962. © Arquivos Gulbenkian.

Neste périplo pelas exposições organizadas em parceria com o British Council referência ainda para a exposição *Turner*, a que se juntou igualmente o British Museum na sua produção, realizada em Lisboa em 1973 integrada nas comemorações do 600º aniversário da Aliança Luso-Britânica e significativa pelo facto de ter sido esta a primeira vez que a obra deste pintor inglês era apresentada em Portugal.

Um segundo núcleo de exposições são as organizadas em parceria com a *Association française d'action artistique*, um número significativo de mostras, que se iniciam em 1965 com a mostra intitulada *Um Século de Pintura Francesa 1850-1950*, realizada na FIL, em Lisboa, iniciativa, comissariado pelo historiador de arte Germain Bazin (1901-1990), que contou igualmente com a participação da Embaixada de França em Portugal e o com o alto-patrocínio do governo francês (**Fig. 2**). Uma exposição de verdadeiro carácter oficial!



Fig. 2 *Um Século de Pintura Francesa. 1850-1950* [espaço expositivo]. Lisboa, Pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, 1965. Responsabilidade: A. Peixoto. © Arquivos Gulbenkian.

Em 1971, realizada nas cidades de Lisboa e Porto, uma mostra de itinerância internacional e que em Portugal, com a colaboração expressa da Fundação, viu alargado o âmbito cronológico das obras com a integração de trabalhos a partir do ano de 1950 até à contemporaneidade. Neste caso, a exposição adoptou, em Portugal, a designação de *Arte Francesa depois de 1950* e contou com o patrocínio dos Governos dos dois países organizadores.

Para além destes dois exemplos paradigmáticos da parceria institucional entre a FCG e organismos estatais e oficiais franceses, surge em 1973, a montagem da grande exposição com 131 obras de Rodin, comissariada por Cécile Goldscheider (1902-1988), realizada na Galeria de Exposições Temporárias e no Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian e que atingiu o maior número de visitas registado até então na Fundação.

Da colaboração com a Embaixada Italiana em Lisboa, nomeadamente com o Istituto Italiano di Cultura, salientamos a primeira exposição desta parceria, datada de 1961, intitulada *Vidros de Murano* e realizada no Palácio Foz, em Lisboa, sala cedida para o efeito pelo Secretariado Nacional de Informação – organismo oficial para os assuntos culturais e nesse âmbito regulador das relações de Portugal com o exterior (**Fig. 3**).



Fig. 3 *Vidros de Murano* [espaço expositivo]. Lisboa, Palácio Foz, 1961. © Arquivos Gulbenkian.

Igualmente da mesma década, datada de 1963, a exposição sobre o escultor Emilio Greco (1913-1995), também no Palácio Foz, considerada pelo director do Serviço de Belas-Artes da FCG, Artur Nobre de Gusmão (1920-2001), como de enorme relevância porque

entre nós, como no estrangeiro, multiplicam-se as exposições de pintura, sendo bem mais raras as de escultura. Por outro lado, e por fenómeno associado, é abundantíssima e acessível a série de reproduções de obras de pintura que invadem todos os mercados, muito ao contrário do que se passa com a escultura. Por fim e para não apontarmos senão razões de maior importância, a apresentação, em Lisboa, de obras de um escultor de nomeada, como é Emilio Greco, é contribuição geral para uma actualização e para um conhecimento, mas é também contribuição particular e importante para os nossos escultores.²

² Apontamento do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 20 de março de 1963 [Arquivos Gulbenkian].

Ainda outras parcerias foram firmadas pela FCG e por diversas embaixadas de países com relações diplomáticas com Portugal, como Espanha, em que a colaboração se efectivou em exposições como *Exposição de Pintura do Grupo Escola de Saragoça*, de 1965, ou *A Paisagem na Pintura Espanhola Contemporânea*, de 1971; como a embaixada do Brasil em Lisboa com a exposição de 1965, intitulada *Artistas Brasileiros Contemporâneos*, realizada no Pavilhão Temporário da Fundação Calouste Gulbenkian (**Fig. 4**) e que consistiu na exibição quase integral das obras de artistas brasileiros que tinham integrado o *Salon Comparaisons 1965*, realizado no Musée d'art moderne de Paris, e que deu a conhecer ao público português a diversidade das novas tendências da arte brasileira contemporânea.



Fig. 4 *Pintura e Escultura de Artistas Brasileiros Contemporâneos* [espaço expositivo]. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian - Pavilhão Temporário, 1965. © Arquivos Gulbenkian.

No ano seguinte, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a montagem da exposição *Arte do Índio Brasileiro* (**Fig. 5**), inovadora nos seus propósitos e projecto museográfico que, de acordo com informação extraída num comunicado de imprensa enviado pela FCG, recebeu grande afluência de público durante a sua vigência ou, já em 1973, a retrospectiva, de itinerância internacional, dedicada ao artista brasileiro Roberto Burle

Marx (1909-1994), realizada em Lisboa, após montagem em Londres e em Paris, e que reuniu um significativo conjunto de obras, desde desenho, pintura, escultura, tapeçaria e projectos arquitectónicos.



Fig. 5 *Arte do Índio Brasileiro* [espaço expositivo]. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1966. © Arquivos Gulbenkian.

Terminamos a comunicação apresentando a exposição também de parceria institucional, resultante de consórcio entre os governos de Portugal e França e com o patrocínio da *Association française d'action artistique*, inaugurada em 8 de abril de 1974 e que reunia a obra do escultor francês, de origem romena, Étienne Hajdu (1907-1996), com forte ligação a Portugal através da utilização dos mármore da região de Estremoz em muitos dos seus trabalhos, e membro do círculo próximo do pintor Árpád Szenes (1897-1985) e da pintora Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992). Neste caso específico, a proposta surgiu da iniciativa da Embaixada de França em Portugal após a sua realização no *Musée d'art moderne de Paris*, no ano anterior, em 1973. Acerca da exposição lia-se no *Diário de Notícias*, em artigo assinado por Luís d'Oliveira Nunes e publicado no dia a seguir à inauguração que “fiel ao seu eclético programa, o Serviço de

Belas-Artes daquela instituição continua a manter um trabalho de alto nível, que vem possibilitando ao nosso público e aos nossos artistas um precioso contacto com as mais significativas expressões das artes visuais” (Nunes 1974).

A exposição de Étienne Hajdu (**Fig. 6**) assume, neste contexto, particular interesse pelo facto de, como exposição diplomática nos seus propósitos organizativos e com o alto-patrocinio do governo português, ter acompanhado no seu período expositivo a transição de regime político encerrando em Junho de 1974 num contexto distinto daquele que esteve na sua génese.



Fig. 6 Etienne Hajdu [espaço expositivo]. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian - Galeria de Exposições Temporárias (piso 0), 1974. © Arquivos Gulbenkian.

A este propósito, e tendo em conta o percurso expositivo da Fundação Calouste Gulbenkian nos anos seguintes a 25 de Abril de 1974 que se caracteriza por uma clara abertura a Leste e colaboração com países até então com difíceis relações diplomáticas com Portugal (acompanhando a curiosidade crescente pelas manifestações artísticas e sociais desses países), citemos ainda José de Azeredo Perdigão, em 1960, que assegura a salvaguarda da autonomia da instituição em relação ao poder político enunciando que

o Estado, ao mesmo tempo que declarou a Fundação uma instituição de utilidade pública, reconheceu a sua natureza privada, não deve, sem quebra do princípio basilar da instituição – uma actuação privada visando a realização de fins de utilidade pública geral -, limitar por qualquer forma a sua autonomia enquanto aquele princípio for por ela observado (Perdigão, 1961).

Frisando, de forma a enfatizar a independência da Fundação Calouste Gulbenkian no projecto programático da sua acção institucional, ao caracterizar essa colaboração como “paralela e complementar, sem sujeição administrativa [pois é este] o lema que tem de orientar as relações da Fundação com o Estado para que elas sejam fecundas e pacíficas” (*ibidem*).

Referências bibliográficas

Nunes, Luís de Oliveira. 1974. “Escultura de Hajdu patente na Gulbenkian”. *Diário de Notícias*, Lisboa: 9 de abril de 1974.

Perdigão, José de Azeredo. 1961. *Relatório do Presidente: 20 de Julho de 1955 – 31 de Dezembro de 1959*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.